



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Género

**OS PROJETOS INDIVIDUAIS DE GESTÃO DO CORPO DA MULHER-MÃE: O *SELF* ENQUANTO
CONSTRUÇÃO SOCIAL**

SOUSA, Sandra

Mestre em Sociologia

Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto

sandra.sousa@ispup.up.pt

Resumo

A análise dos projetos individuais de gestão do corpo da mulher-mãe de acordo com o respectivo espaço social permite realçar as inter-relações entre o corpo vivido e sentido e o corpo real. Numa abordagem mais centrada na capacidade do indivíduo de decidir para além das estruturas sociais, remete-se a atenção para como as sociedades contemporâneas têm tornado o corpo como uma preocupação óbvia, de como o indivíduo gere as impressões de si próprio, e esta ideia tornou-se evidente, tal é a centralidade do nosso corpo na definição de quem somos. Nas sociedades reflexivas o indivíduo está embutido no pressuposto de que se pode alcançar a autorrealização ao longo do espaço de autoexpressão e crescimento pessoal. Os indivíduos têm projetos de construção da sua própria identidade com o objetivo de alcançar a realização pessoal, e um dos projetos em que são encorajados a fazer investimentos significativos é o corpo, surgindo este como parte integrante de um projeto de construção do próprio *self*. A investigação empírica teve como objetivo captar os discursos sobre a evolução do corpo na mulher-mãe. Revelou-se, através de uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas semidiretivas a um grupo restrito, de que forma as mulheres-mães apresentam os seus discursos, identificando-se os processos de identidade social. Concluiu-se que existe uma transversalidade nas diferentes perspetivas sobre o corpo da mulher-mãe, e que o *self* enquanto construção individual engloba tanto a dimensão física/material como a dimensão mais subjetiva, aquela que é vivida e sentida.

Abstract

The analysis of individual projects concerning the woman-mother's body management according to the respective social space, allows highlighting the interrelations between the lived/experienced body and real body. In a more targeted approach to the individual's ability to decide beyond social structures the focus goes to how contemporary societies have made the body as an obvious concern, how the individual manages impressions of himself, and this idea has become evident, due to the centrality of the body in defining who we are. In reflexive societies the individual is built on the assumption that one can achieve self-actualization over the space of self-expression and personal growth. Individuals have construction projects of their own identity in order to achieve personal fulfillment, and one of the projects where they are encouraged to make significant investments is the body, emerging as part of a construction project of the *self*. The empirical research aims to analyze the discourses on the evolution of the body in the woman-mother. It was revealed through a qualitative methodology, with depth interviews to a restricted group, so that women-mothers present their speeches, identifying the processes of social identity. We concluded that there is transversality in the different perspectives on the body of the woman-mother, and that the *self* as an individual construction encompasses the physical/material dimension and a more subjective dimension one, the one that is lived and experienced.

Palavras-chave: maternidade; corpo; imagem corporal
Keywords: motherhood; body; body image

PAP0230

Introdução

Procurando uma perspectiva plural do objecto de estudo, o corpo da mulher, não poderia ser deixada de lado a primazia que a imagem ocupa na vida da mulher. Neste texto pretende-se analisar as narrativas sobre a imagem corporal produzidas por mulheres-mães, procurando perspetivar a identidade e a construção do *self* enquanto processos dinâmicos, mutáveis e contextualizados.

Esta questão será analisada com base na teoria da estruturação, proposta por Anthony Giddens. Ao refletir sobre o comportamento social da mulher-mãe, e no seu projeto reflexivo de identidade social, é importante considerar a perspetiva de Giddens, no que concerne as suas noções de ação social e estrutura. Giddens confere uma grande importância à ação dos agentes na evolução e transformação das estruturas, e atribui uma capacidade maior do sujeito manobrar as regras das estruturas alterando-as, ocasionando mudanças sociais e mudanças no sujeito (Giddens, 2000). A noção de reflexividade permite perceber que para este autor, a mulher-mãe tem a possibilidade de pensar e examinar a sua vida social, sendo capaz de a recriar, e consequentemente analisar a sua imagem corporal. Assim, é necessário perceber em que medida os comportamentos da mulher-mãe influenciam e são influenciados pela estrutura social da qual faz parte, analisando, em particular, as práticas alimentares, os cuidados pré-natais, a atividade física e os cuidados estéticos com o corpo, etc. Portanto, essas ações poderão permitir-lhe adquirir a capacidade de modelar o seu corpo, contribuindo tanto para a construção e evolução da imagem real como para a percepção da imagem vivida/sentida.

No estudo da generificação da imagem corporal, as transformações ocorridas no corpo da mulher decorrentes do exercício da maternidade são um objeto de estudo central (Correia, 1998). Por um lado, a imagem idealizada de um corpo feminino belo foi, em muitos momentos e contextos, associada à maternidade e reprodução, e por outro lado a ideia que “gordura é formosura” não estão relacionados com a ideia da maternidade e reprodução, mas sim de poder económico e simbólico para praticar o ócio, ou seja, a imagem corporal engloba questões de estratificação social que não passam apenas pelo género. Com a revolução industrial reajustaram-se os papéis familiares e a mulher-mãe passou a ser também trabalhadora assalariada a condição da imagem da mulher magra começou a ser cultivada uma vez que passou a ter capacidade financeira para aceder aos novos conceitos de moda que entretanto surgiram, permitindo essa mesma condição, por exemplo usando roupas justas e que acentuavam as curvas do corpo (Giddens, 1995).

Deste modo, sobre a imagem corporal, foram sendo desenvolvidas teorias, hábitos, formas de controlo, instrumentos de manipulação que o tornaram central na vida das mulheres, criando padrões de estética, normalmente associados à magreza e tonicidade muscular, o que tem obrigado a mulher, e em particular a mulher-mãe, a tornar-se muitas vezes “vítima” do meio que a rodeia no sentido de atingir os padrões que a sociedade moderna criou como fazendo parte da imagem corporal ideal. Consequentemente, com a época moderna, surgiram diferentes valores associados ao culto da imagem corporal, que transformaram o dia-a-dia de algumas mulheres numa luta constante para atingir a imagem perfeita, que corresponda aos padrões anunciados e quase impostos pelo ambiente que as rodeia, nomeadamente pelos meios de comunicação social.

No entanto, por detrás de todo esse culto da imagem corporal, encontra-se um percurso social, uma história individual num contexto social que irá, necessariamente, condicionar aquilo que influencia a imagem vivida e a imagem real da mulher-mãe. Compreender as representações sociais do corpo feminino através da percepção das mulheres-mães, é algo que se torna desafiante, quando se entra num campo em que a sua história familiar, social, económica, cultural, de saúde e de estilos de vida se cruza entre si de forma permanente, remetendo para a forma como o exercício da maternidade pode contribuir para desadequar os corpos das mulheres às normas dominantes na sociedade contemporânea ocidental.

Os estudos sobre as experiências das mulheres com os seus corpos têm-se focalizado nas seguintes temáticas: os ideais de beleza feminina retratados em revistas; a anorexia e distúrbios alimentares.

A relação entre o corpo e o alimento é particularmente interessante para perceber as perspectivas sobre o corpo com um produto. Na verdade, o ato de incorporação de alimentos, por exemplo, pode ser considerado como o pico de escolhas de consumo sobre o corpo: o tom de pele, peso, resistência dos ossos, a condição do cabelo e das unhas, etc., estão todos relacionados com aquilo que comemos. As obsessões corporais em contextos de grande consumo giram em torno do que se pode ou não comer. Sobre este assunto, as estudiosas feministas têm provocado um amplo debate, um debate sobre o significado e o papel dos alimentos para mulheres que vivem em culturas ocidentais ricas, onde, o corpo magro é considerado desejável. Charles e Kerr (1986 cit. Lupton, 2003) publicaram um estudo realizado entre as mulheres britânicas e descobriram que elas experienciaram uma luta constante entre privando-se e alimentando as suas famílias, constatando que muito poucas mulheres expressam uma imagem positiva do seu corpo, e muitas consideravam que deviam perder peso.

A pressão social para a perfeição corporal sente-se em diferentes domínios da vida de uma mulher, seja pela busca de um corpo esbelto, seja por serem mães perfeitas ou então companheiras cuidadosas. O estudo de Markula (2001) é exemplificativo do papel que a sociedade, e mais concretamente os *media*, têm na construção cultural da feminilidade.

1. O corpo como um projeto reflexivo

As abordagens teóricas mais centradas na capacidade de decisão dos indivíduos perspetivam-nos como agentes ativos que podem gerir o seu corpo e adorná-lo com produtos que irradiam a imagem de beleza, saúde, *fitness* e juventude e construir uma identidade que vai para além da identidade do grupo.

Investigadores (Shilling, 2003) defendem que o consumo de técnicas de domesticação dos corpos (cirurgias plásticas, lipoaspirações, cosméticos, dietas, *fitness*, etc.), ou a mercantilização do corpo (no sentido que se trata um processo pelo qual algo adquire um valor de troca e, portanto, podem ser negociados no mercado), se tornaram centrais na forma como as pessoas se definem nas sociedades reflexivas, uma vez que estas permitem que o indivíduo crie um universo pessoal de bens, significados, valores, etc. que reflete a sua experiência e visão sobre o mundo.

Nas sociedades reflexivas o indivíduo está embutido no pressuposto de que se pode alcançar a autorrealização ao longo do espaço de autoexpressão e crescimento pessoal. Os indivíduos têm projetos de construção da sua própria identidade com o objetivo de alcançar a realização pessoal. Um dos projetos em que os indivíduos são encorajados a fazer investimentos significativos é o corpo, surgindo este como parte integrante de um projeto de construção do próprio *self*.

A aparência física, como expressão da identidade, pode ser modificada através de produtos disponíveis no mercado. Por exemplo, a cirurgia de perda de peso representa para os homens e mulheres que se sujeitam a esse tipo de intervenção o renascer de um “novo eu” na construção das suas identidades (Throsby, 2008).

De acordo com Shilling (2003), o corpo consiste num projeto permanentemente inacabado, que integra a autoidentidade do indivíduo. Criar e manter um corpo saudável, apto, jovem e bonito é cada vez mais um tipo de projeto para a maioria das pessoas. Daqui têm resultado novas formas de exclusão social, sobretudo de quem não consegue, por dificuldades económicas, obstáculos sociais, consumir os produtos disponíveis e/ou não dispõe das qualidades que o tornam um produto com valor. Este tipo de observação é particularmente relevante para perceber o lugar que o corpo envelhecido ou deficiente ocupa nas sociedades contemporâneas, e como se tornaram fontes de grandes preocupações. Um exemplo na investigação sobre esta constatação, é o estudo realizado por Minae Inahara (2009) sobre a dualidade “corpo capaz/robusto” e “corpo incapaz/com deficiência”, onde procura contestar a categorização dos corpos não aptos denominados como de “outros”. Na sua opinião, existe a necessidade de uma consideração fluida de identidade, e verifica que a busca para a igualdade que está

na base dos atuais modelos sociais de deficiência, assume que o “corpo capaz” é o *standard* para a normalidade, um *standard* que todos têm de atingir.

O acesso aos recursos culturais para a construção da identidade não é tão disponível para homens e mulheres na sociedade de consumo, e conforme Giddens (1994) afirma, isto poderá ser mais problemático para uns do que para outros. No que concerne à identidade pessoal, e considerando a sua perspectiva da modernidade poderá afirmar-se que, a mesma não afeta apenas a sociedade a nível global, mas também a vida quotidiana, e os aspetos mais íntimos e pessoais de cada indivíduo, uma vez que as dinâmicas institucionais modernas ligam-se de forma direta com a vida individual, e consequentemente com o *self*.

O autor, ao analisar o conceito de corpo, considera que o *self* está encarnado num corpo, e que a aprendizagem pelo próprio corpo faz-se (desde criança) através dos ajustes práticos com o mundo e com as outras pessoas. Controlar o corpo, a aparência corporal, será uma forma de exprimir para além daquilo que se pode dizer por palavras. Este controlo corporal implica, necessariamente, disciplina e autogestão as quais devem ser completas e constantes para que se relacionem com a agência. Giddens destaca o ponto de vista de Merleau-Ponty, anterior a Foucault, e desenvolvido contemporaneamente por Goffman, sobre o facto da disciplina corporal ser intrínseca ao agente social competente, caracterizando-se como transcultural e contínua do fluxo da conduta no quotidiano, e de esse controlo corporal integrar tanto a agência como a confiança dos outros em ver o agente como competente (Giddens, 1994).

Existem muitas pesquisas, especialmente sobre Sociologia da Saúde, que mostram uma sobreposição de discursos entre o corpo saudável, o corpo desportivo, o corpo magro, resultado de um corpo disciplinado que deve ser docilizado para atingir o melhor *self* possível, suportando um projeto em curso de construção e reconstrução. Para o *self* contemporâneo o corpo e o seu dono são apenas um; existe um laço insolúvel entre autoidentidade e corporeidade: um mau corpo é anónimo e incorre da condenação social de não dever permitir que o corpo se deteriore.

A ideia de que o corpo não é apenas uma “coisa”, mas sim o que se constrói a partir dele, a sua corporeidade, leva à posição de uma auto-imagem corporal do *self*, podendo ser um fenómeno inconsciente e emocional experienciado através da carne. O corpo tem de ser visto como uma parte integrante das relações sociais estabelecidas pelo indivíduo no espaço social, sendo que o contexto social e cultural será o seu limite (Lupton (2003).

2. Métodos

No momento em que se tornou imperioso trabalhar o conceito de imagem corporal, traduzido nas vivências das mulheres-mães, foram tomadas decisões de cariz metodológico, que logo à partida, não tinham como objectivo um trabalho empírico confirmatório, nem aferir resultados que enumerassem indicadores de um padrão de comportamento social. Deste modo, pareceu importante revelar, através de uma metodologia qualitativa, de que forma as mulheres-mães apresentam os seus discursos, quando são confrontadas com uma temática que à partida, lhes é familiar, isto é, falar do seu corpo e da relação que têm com o mesmo, relacionando com o facto de vivenciarem a maternidade.

Optou-se como técnica de análise empírica mais adequada a entrevista semidiretiva, no sentido de dar liberdade à investigadora, e consequentemente ao público escolhido, de abordar determinados aspetos não previstos na estruturação do trabalho desenvolvido. No que concerne as técnicas de análise a utilizar, optou-se pela análise categorial e também pela análise do discurso, isto é, uma análise das narrativas elaboradas pelas mulheres-mães ao longo da entrevista. Esta opção revelou-se bastante rica para o trabalho empírico efectuado, na medida em que permitiu uma contextualização dos discursos produzidos e a reconstrução das linhas de sentido das vivências expressas pelas mulheres-mães

entrevistadas, fomentando em simultâneo um exercício de reconstrução reflexiva da incursão da investigadora no campo.

No seguimento das opções metodológicas, foi definido que o grupo de trabalho seria reduzido e que em cada entrevista fosse possível obter uma duração média de 60 minutos. Deste modo, pretendia-se que a amostra permitisse analisar, por um lado, a existência ou não de vivências e experiências que correspondiam a categorias e subcategorias associadas ao tema, e por outro lado, a forma como as mulheres-mães organizam os seus discursos sobre o tema. Inicialmente considerou-se importante, que para o estudo seria relevante as mulheres reunirem determinadas características, e deste modo foram definidos alguns critérios de selecção do público-alvo a entrevistar, e que foram as seguintes: mães, com um ou mais filhos em idade pré-escolar (até 6 anos); faixa etária entre os 25-35; habilitações literárias diferenciadas e estado civil variável. As mulheres entrevistadas foram contactadas através de duas instituições de ensino pré-escolar e de primeiro ciclo¹, e obteve-se um total de oito mulheres².

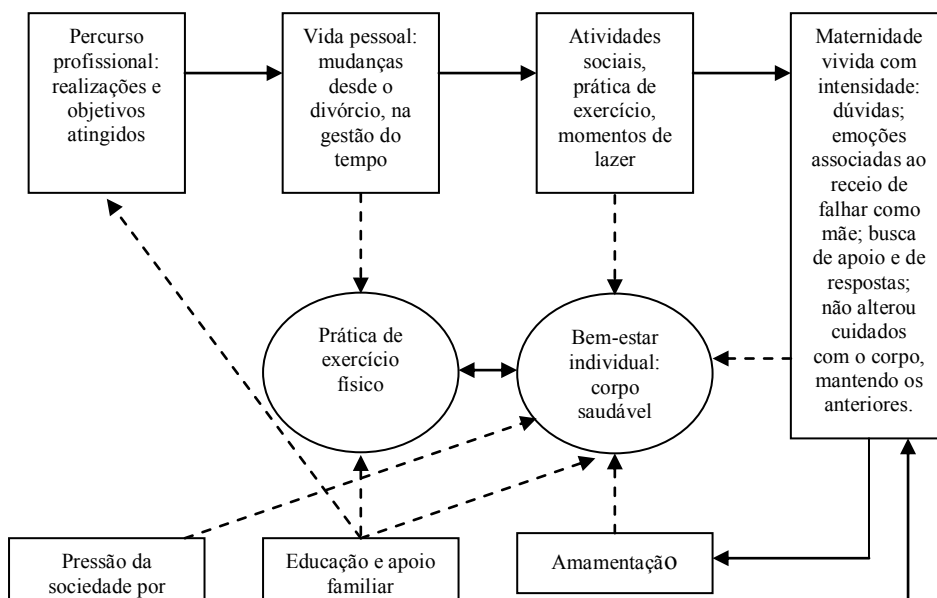
Considerando alguns constrangimentos no recrutamento das entrevistadas, alguns dos critérios de selecção acima descritos não foram cumpridos na sua totalidade, nomeadamente a amostra constituída por oito mulheres, à data da realização das entrevistas³, tem como média de idades, 34 anos, sendo que a mulher mais nova tem 27 anos, e a mais velha 42 anos, e uma das mães tem apenas uma filha e que se encontra já no primeiro ciclo do ensino básico (com 8 anos de idade). Estas variações não foram significativas para o desenvolvimento do discurso das entrevistadas, e também não condicionaram a análise de forma geral.

A partir das oito entrevistas foi possível analisar o processo de produção do discurso, identificando um esquema de associação de ideias, à medida que as questões foram sendo colocadas, como se de uma história se tratasse, construindo, elas próprias, uma sequência de ideias, uma cadeia de assuntos aos quais davam mais prioridade na elaboração das suas respostas. A partir do discurso de cada mulher-mãe foram identificados temas e/ou dimensões centrais. Deste modo, para cada narrativa, foi elaborado um esquema que permite traduzir a associação de ideias, e a reflexividade nos projetos de gestão do corpo.

4. Resultados

4.1. O corpo saudável

A primeira mulher-mãe entrevistada organizou o discurso em torno dos princípios que orientam um corpo saudável e o bem-estar individual, definidos segundo a educação familiar e escolar que recebeu. Em todas as respostas dadas esta entrevistada associa sempre o bem-estar físico e a ideia de corpo saudável, considerando que são duas dimensões que estiveram sempre presentes na sua vida, seja relacionando com a imagem corporal real ou vivida/sentida, seja com a maternidade. A gestão do seu tempo funciona em função da gestão do seu corpo, isto é, com os horários organizados de forma a poder praticar exercício físico, ou através de atividades com o filho que a fazem sentir bem.



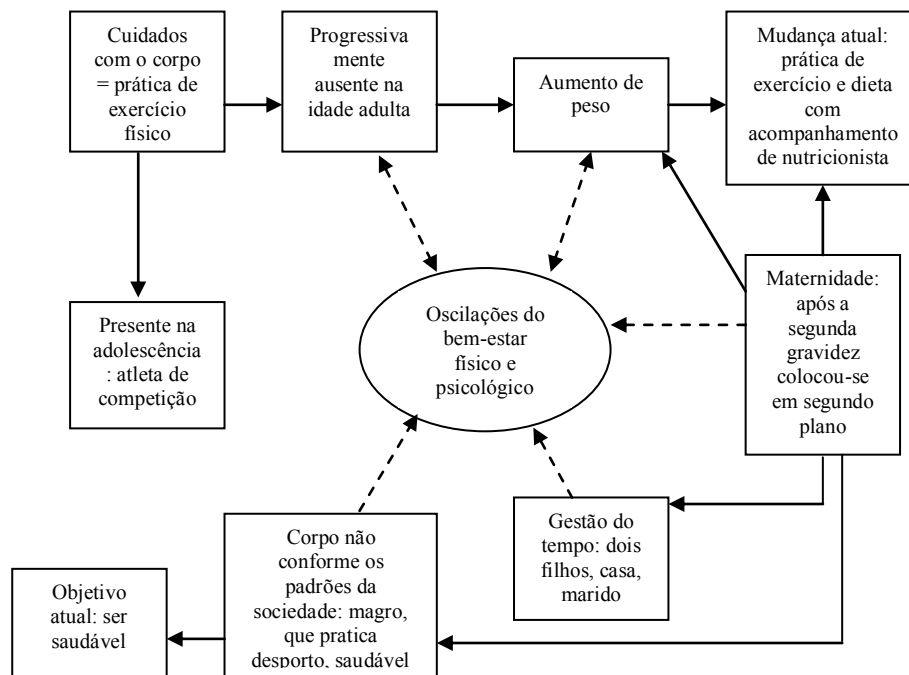
Esquema n.º 1 (Entrevistada 1)

A aparência física, apesar de importante, não é prioritária para esta mulher-mãe. É através da prática de exercício físico e dos cuidados com a alimentação que procura assegurar o seu bem-estar pessoal, influenciado pela forma como vive e sente a sua imagem corporal.

“Sempre fiz, sempre gostei muito de exercício, praticar exercício físico, e sempre andei em ginásios, só que mudei foi o horário (...) faço na hora do almoço (...) Durante a gravidez deixei de fazer exercício físico porque eu tive um aborto antes do G (...) a médica ah... aconselhou-me a não fazer (...) Depois recomecei, e fiz uma coisa mas que acho que na altura foi ótimo, foi, logo a seguir a ele ter nascido, ele tinha para aí um mês, eu inscrevi-me num centro de massagens infantis, e que era ótimo, porque nós tínhamos uma parte inicial que era com massagens para o bebé, e a seguir era para as mães e foi muito bom para os dois, foi ótimo (...) foi uma experiência muito, foi fantástica, com outras mães e com outros bebés (...) por acaso foi uma experiência interessante.” (Entrevistada 1)

4.2. Recuperação de um IMC adequado

O discurso da entrevistada 2 focalizou-se nas oscilações de peso e no “abandono” dos cuidados que tinha com o seu corpo depois de ser mãe, nomeadamente pela ausência de prática regular de exercício físico.



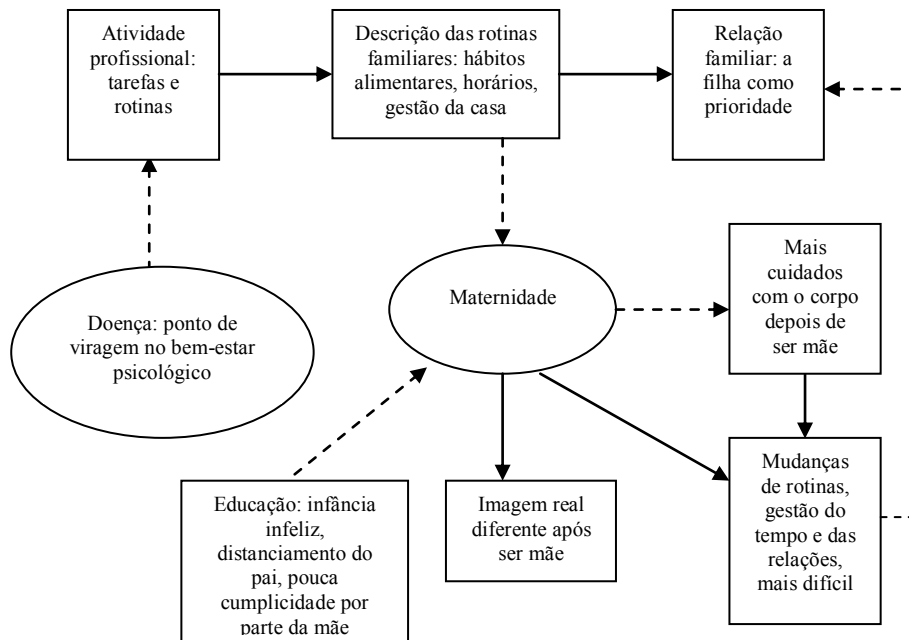
Esquema n.º 2 (Entrevistada 2)

“Até aos dezoito fiz natação, depois na faculdade ia ao ginásio duas vezes por semana talvez, (...) porque gosto de desporto. Entretanto, fiz o estágio, depois engravidei do J, aí caminhava uma hora por dia durante a gravidez, todos os dias religiosamente (...) E depois do J nascer, também passeava quase sempre uma hora por dia até ele ter mais ou menos, dois meses, porque depois eu fui logo trabalhar (...) Aí acabou o ginásio, o exercício físico, as caminhadas, ah... e agora comecei com yoga recentemente.” (Entrevistada 2)

O facto de não conseguir fazer determinadas atividades que eram regulares antes de ter sido mãe, como a prática desportiva de competição, causa-lhe frustrações que procura superar através de dietas e pela prática de yoga, estratégias que favorecem a recuperação simultânea da autoestima e de um IMC adequado. As oscilações presentes na sua vida tiveram como causa as dificuldades em conciliar todas as tarefas de mãe, esposa, trabalhadora e cidadã.

4.3. Maternidade como mudança na imagem corporal

A relação com a filha e o marido e as preocupações com as atividades diárias rotineiras, domésticas e/ou profissionais, estruturam o discurso da entrevistada 3, e também nos cuidados que tem com o seu corpo. A maternidade figura-se no discurso desta mulher-mãe, como enraizada de princípios ligados a uma família onde a mulher assume diferentes papéis, procurando incessantemente ter sucesso em todos eles, e objetivando o bem-estar daqueles que a rodeiam, isto é, filha e marido. Assim, tenta distanciar-se de uma infância que considera ter sido infeliz, uma vez que nunca sentiu o apoio que necessitava por parte dos pais, traçando a sua vida atual no sentido oposto, isto é, de no futuro ser recordada como uma mãe atenta e preocupada.



Esquema n.º 3 (Entrevistada 3)

“Às vezes é eu conseguir gerir tudo, e todos, (...) acho que não sou capaz de estar bem em todas as... há sempre uma que falha mais um bocado, não é, pronto, às vezes é com o meu marido que acaba por falhar mais um bocado, porque lá está, acaba sempre por

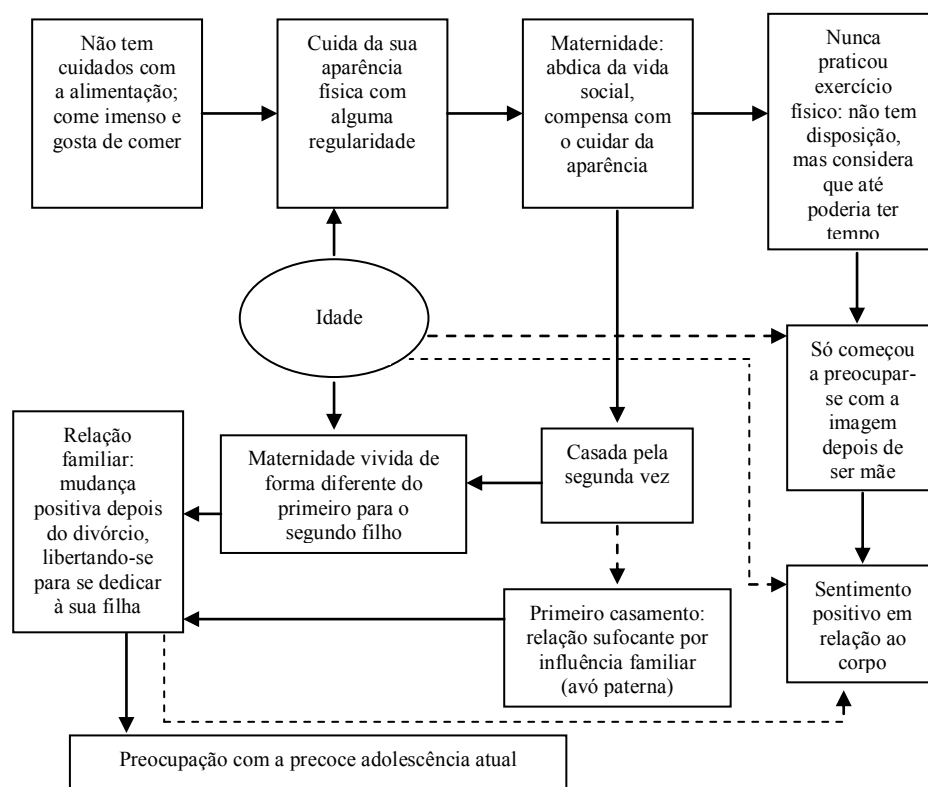
ficar o pai para último lugar, porque a filha está sempre em primeiro lugar.”
(Entrevistada 3)

4.4. Idade: contributo para a construção do self

A despreocupação quanto à ausência de cuidados com o corpo e à adesão a estilos de vida não saudáveis (por exemplo, alimentação desequilibrada, hábitos tabágicos, ausência de exercício físico) caracterizam a narrativa da entrevistada 4, que reportou sentir-se bem com o seu corpo.

Consciente do distanciamento que revelou em relação à imagem corporal feminina dominante, reconverte positivamente tal hiato pelo recurso ao anedótico e lúdico. Uma dimensão central é a idade, como justificação de algumas mudanças nas atitudes e comportamentos perante a sua imagem, perante a maternidade e relação familiar.

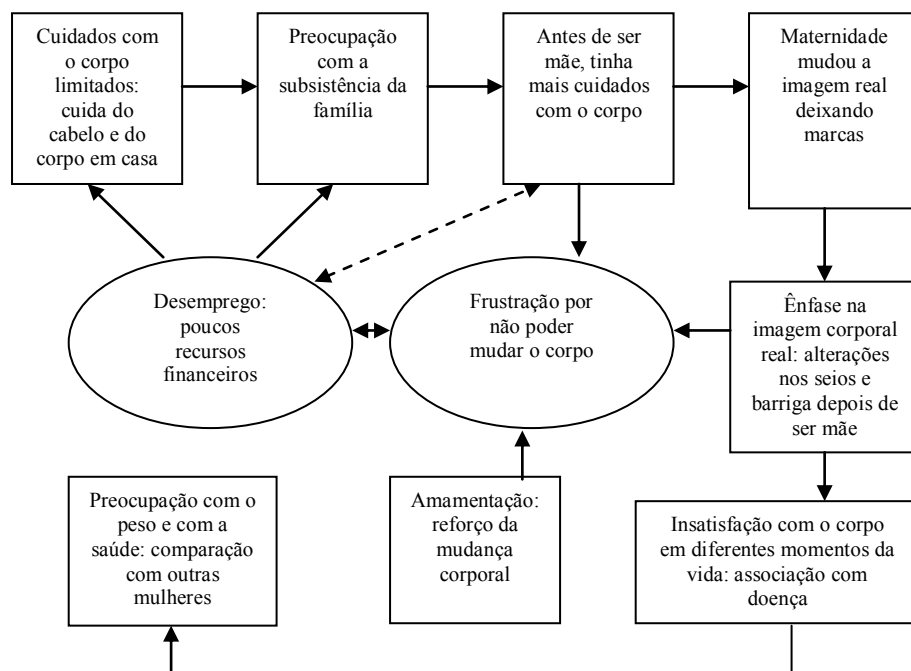
“Com o fator idade, e com o fator de sermos mães também, vamos dizer a verdade não é, porque entretanto abdicamos de algumas coisas quando somos mães, abdicamos de irmos jantar fora sozinhos, abdicamos de ir ao cinema quando nos apetece, e acho que nos sentimos, tentámos compensar de outra forma.” (Entrevistada 4)



Esquema n.º 4 (Entrevistada 4)

4.5. Imagem corporal real negativa

A tónica nas dificuldades de acesso a determinados cuidados com o corpo por escassez de recursos financeiros e pelo desemprego caracteriza o discurso da entrevistada 5. Esta situação gera sentimentos de frustração, sobretudo porque as mudanças corporais resultantes de duas gravidezes contribuíram para que esta entrevistada reportasse uma imagem corporal negativa.

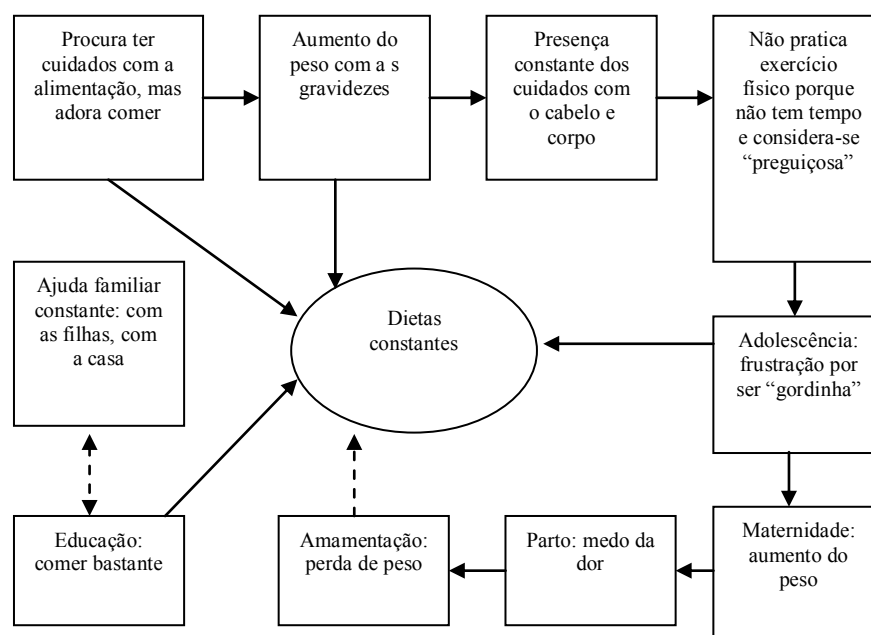


Esquema n.º 5 (Entrevistada 5)

“Temos que ter dinheiro ao menos é para o comer e para os miúdos, porque isso de cabeleireiros e andar em esteticistas não tenho dinheiro para isso (...) É assim pintar o cabelo, eu pinto em casa, não é, porque neste momento como é só o meu marido também a trabalhar, estou desempregada não é, isto está crise, uma pessoa não pode (...) sempre que tomo banho aplico um creme, isso eu ah, creme de dia eu também tenho, creme de noite não assim tão muito caros mas, tenho sempre esse cuidado também (...) É assim, antes de ser mãe, claro, não tinha filhos ia mais vezes ao cabeleireiro, era completamente diferente, não é.” (Entrevistada 5)

4.6. Oscilações de peso: conformidade com a imagem corporal

O controlo do peso domina a narrativa da entrevistada 6. A trajetória de vida desta mulher-mãe no que respeita a imagem corporal pauta-se pelas dificuldades em manter um peso adequado.



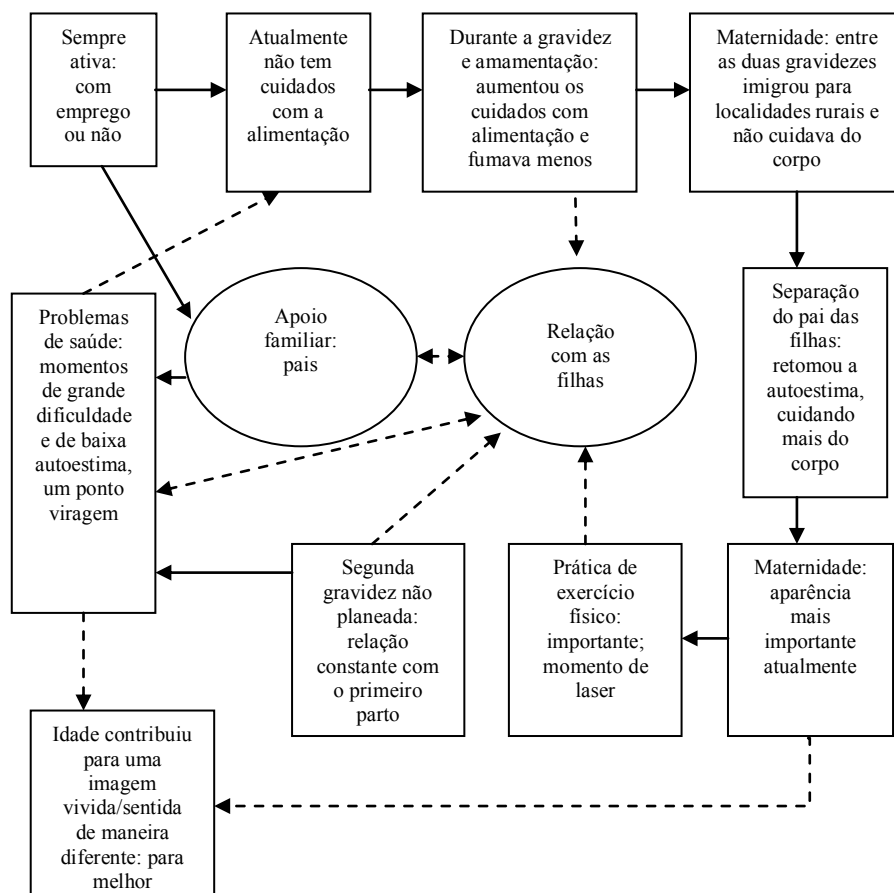
Esquema n.º 6 (Entrevistada 6)

“Eu não ligo muito a essas coisas, gosto de me sentir bem, mas depois começo a sentir assim mais pesada e depois paro outra vez, começo outra vez as dietas (...) sempre fui gordinha, sempre, nunca senti assim, ‘ai eu fiquei mais gorda porque...’ (...) uma pessoa tem bastante peso, com uma gravidez em cima é muito pior, uma pessoa sente-se mal, e depois a idade também vai aumentando...” (Entrevistada 6)

4.7. Corpo marcado pelas vivências individuais e familiares

A entrevistada 7 vivenciou duas experiências marcantes com o seu corpo - a maternidade e a doença - que contribuíram para a sua autoidentidade e para a construção do seu *self*, mas não num sentido de um corpo marcado pela estrutura social em que vive, mas sim pelas ações que tomou, pelas contingências e obstáculos que atravessou e pelas decisões que se viu obrigada a tomar. Deste modo, a sua imagem corporal foi sendo edificada como de uma obra complexa se tratasse, onde estiveram presentes as oscilações familiares (nascimento das filhas, separação), sociais (imigração, mudança de contexto profissional, desemprego) e de saúde (doença grave, perturbações psicológicas). Na maternidade encontrou a razão para se preocupar com a sua vida de forma geral e com a sua imagem corporal, uma vez que são as filhas que a incentivam a cuidar do seu corpo.

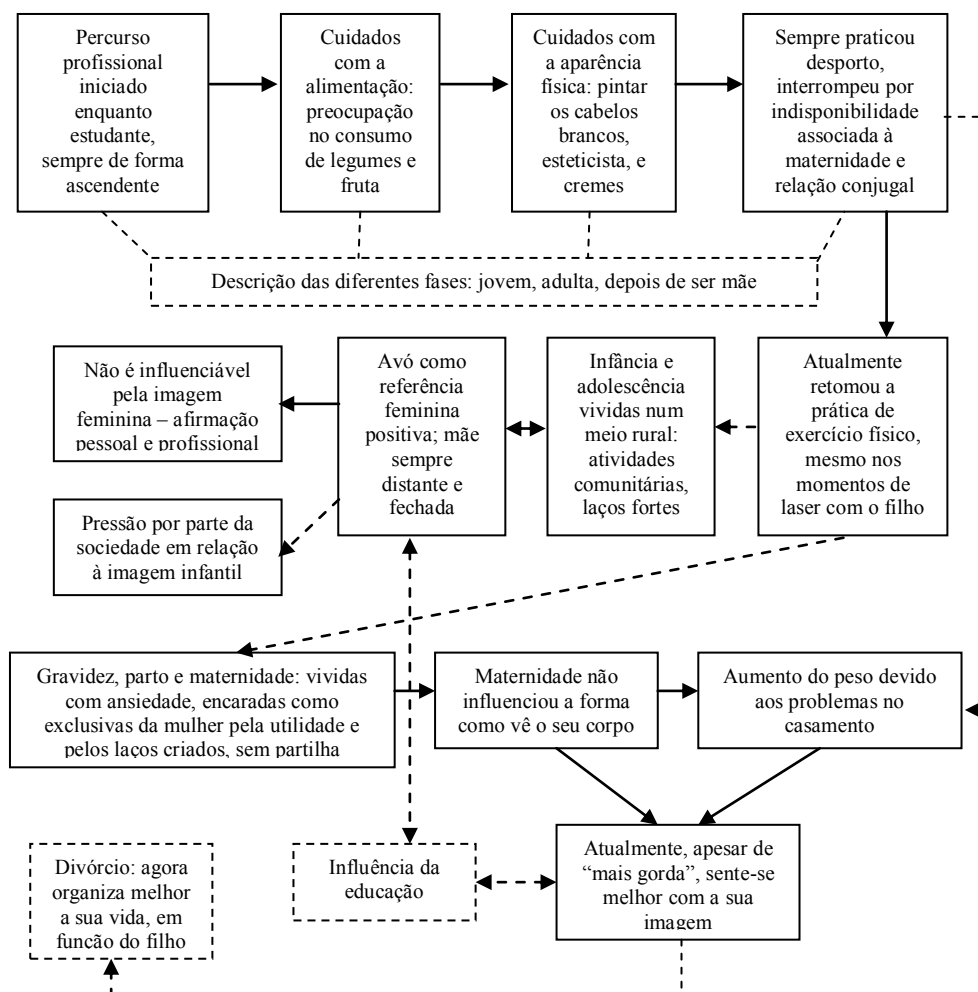
“...mas agora eu não estou sozinha, agora tenho alguém que até a minha roupa escolhe, ah... alguém que me faz sentir necessidade de ter mais alguns cuidados porque gosto, porque também não sou pessoa de me pintar muito, mas sei que elas, ui por elas andava sempre todas pintadas e mesmo eu, por exemplo eu se por acaso me pintar elas são ‘ó mãe pintas-me a mim também?’ ‘mãe, não podes só ser tu a ir bonita, nós também queremos ir’ e não sei quê, portanto faz-me se calhar cuidar um bocadinho mais da aparência.” (Entrevistada 7)



4.8. Afirmação de um projeto individual

A ênfase nas conquistas pessoais e profissionais pautou todo o discurso da entrevistada 8, mas procurou realçar a sua história de vida relacionando com a forma com foi lidando com a sua imagem corporal. Por influência da educação que recebeu da avó, que lhe inculcia hábitos femininos de cuidar da aparência física, assume que na sua adultez essas influências são uma referência. Salienta ter tido sempre cuidado com o seu corpo, através da prática de exercício físico, e que a sua imagem corporal sofreu mudanças devido à separação conjugal, com um aumento de peso. Já em relação à maternidade não houve uma influência significativa na forma como vê o seu corpo.

“... numa primeira fase se calhar afectou um bocado, afectou mais, porque aquela, nós deixámos, nós, algumas mulheres não é, deixámos de ter tanto cuidado porque depois estamos absorvidas ali vinte e quatro horas por dia, e quando vamos a dar conta já são cinco da tarde e nem sequer tomámos banho (...) mas se calhar em termos de, de... interacção com o bebé se calhar era bom porque se calhar, foi preferível termos passado aquelas horas com o bebé, apesar de que o bebé não nos critica se estamos penteadas ou despenteadas não é, eu tentava conciliar não é, lá está eu não, isso a mim nunca perturbou negativamente (...) sim posso ter um bocadinho mais de cuidado preocupar-me mais pelo facto de já ter sido mãe, ver se... mas não, não exageradamente.” (Entrevistada 8)



5. Discussão

A imagem corporal resulta de um projeto reflexivo, do qual faz parte a construção e manutenção do corpo, não só na sua dimensão física, material, mas também na sua dimensão mais subjetiva, aquela que é sentida e vivida por cada sujeito. A partir da análise das estruturas em que cada mulher-mãe se contextualiza, e considerando os diferentes momentos abordados sobre o percurso social estabelecido na adolescência e na idade adulta, a imagem corporal foi sendo construída tendo em conta o que é permitido e aceite socialmente, (praticando exercício físico, cultivando um culto do corpo, levando uma alimentação saudável, etc.) e ao mesmo tempo, quebrando barreiras e determinadas “regras” (descuido na alimentação, sedentarismo, consumo de tabaco, etc.).

As experiências e vivências pessoais como a adolescência, maternidade e divórcio, foram indicadores de destaque e até de alguma demarcação nessas fases, nomeadamente, aspetos como a passagem da adolescência para a idade adulta, as relações conjugais, e os filhos, são referências e marcos para cada uma das mulheres-mães e para os respetivos corpos. Centralizando a atenção na maternidade, a percepção e negociação da imagem corporal após terem sido mães, foi feita em função da gestão do tempo, da articulação das diferentes tarefas (familiares, profissionais e sociais) e de forma gradual a presença e participação dos filhos como agentes ativos, condicionou o processo individual de gestão do corpo, procurando uma melhoria do bem-estar e aparência físicos.

A pressão para corresponder à imagem corporal feminina dominante, que se caracteriza pela socialização familiar em termos de alimentação, exercício físico e reforço da autoestima, assim como a possibilidade de aceder a determinados bens e serviços, surge articulada com diferentes constrangimentos estruturais na vida das mulheres, como por exemplo a doença, a maternidade, o divórcio, o desemprego. Outro fator enunciado e de relevo nos procedimentos tidos na gestão corporal, é a idade, constando-se que com o avançar da linha cronológica, a forma como lidam com o corpo e cuidam dele modifica no sentido de reforçarem mais a sua autoestima, na busca de elementos que ajudem a seguir um projeto em que criar e manter um corpo saudável, apto, jovem e bonito é importante. O retomar ou o início de certos comportamentos relacionados com a aparência corporal, reforça a ideia da adoção de um estilo de vida saudável que se envolve simultaneamente na procura de um corpo perfeito.

Bibliografia

Correia, Maria de Jesus (1998). Sobre a maternidade. *Análise Psicológica* Vol. 16, (3) (pp. 365-371). Recuperado em 11 julho 2009 de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf>

Giddens, Anthony (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.

Giddens, Anthony (1995). *Transformações da Intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta.

Giddens, Anthony (2000). *Dualidade da Estrutura – Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta.

Inahara, Minae (2009). This Body which is Not One: The Body, Femininity and Disability. *Body & Society*, Vol. 15(1) (pp. 47–62). Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC: SAGE Publications. Retrieved July 13, 2009, from <http://bod.sagepub.com/cgi/content/abstract/15/1/47>

Lupton, Deborah (2003). *Medicine as culture: illness, disease and the body in western societies*. London: Sage Publications.

Markula, Pirkko (2001). Beyond the Perfect Body. Women's body image distortion in fitness magazine discourse. *Journal of Sport and Social Issues*, 25: pp. 158-179. Retrieved February 13, 2010 from <http://jss.sagepub.com/cgi/content/abstract/25/2/158>

Shilling, Chris (2003). *The body and social theory*. [Electronic version] London: Sage Publications.

Sousa, Sandra (2010). *As Narrativas do Corpo na Voz da Mulher-Mãe*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Throsby, Karen (2008). Happy Re-birthday: Weight Loss Surgery and the 'New Me'. *Body & Society*, Los Angeles, London, New Delhi and Singapore: SAGE Publications, Vol. 14(1) (pp. 117–133). Retrieved July 13, 2009, from <http://bod.sagepub.com>

Agradecimentos

Este texto baseia-se na dissertação de mestrado em Sociologia da autora (Sousa, 2010), defendida publicamente em Dezembro de 2010 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alexandra Lopes.

¹ A opção pelas duas instituições foi intencional no que concerne à sua localização e acesso, uma vez que foi possibilitada a utilização de um espaço nas próprias instituições para a realização das entrevistas, o que facilitou o trabalho realizado no que concerne à privacidade com que as mesmas decorreram. As instituições foram o Jardim-Escola João de Deus do Porto, uma I.P.S.S., e a Pré-Escola do Maninho da Madalena.

² Com a colaboração das directoras das respectivas instituições, e após vários contactos telefónicos realizados pela investigadora, foi possível entrevistar oito mulheres-mães. As entrevistas foram realizadas com privacidade e com registo áudio, e a sua duração média foi cerca de 45 minutos.

³ As entrevistas foram realizadas entre 30 de Abril e 28 de Maio de 2010.